

Formação de Palavras

LINGUAGENS,
CÓDIGOS E SUAS
TECNOLOGIAS

Competência(s):
1 e 8

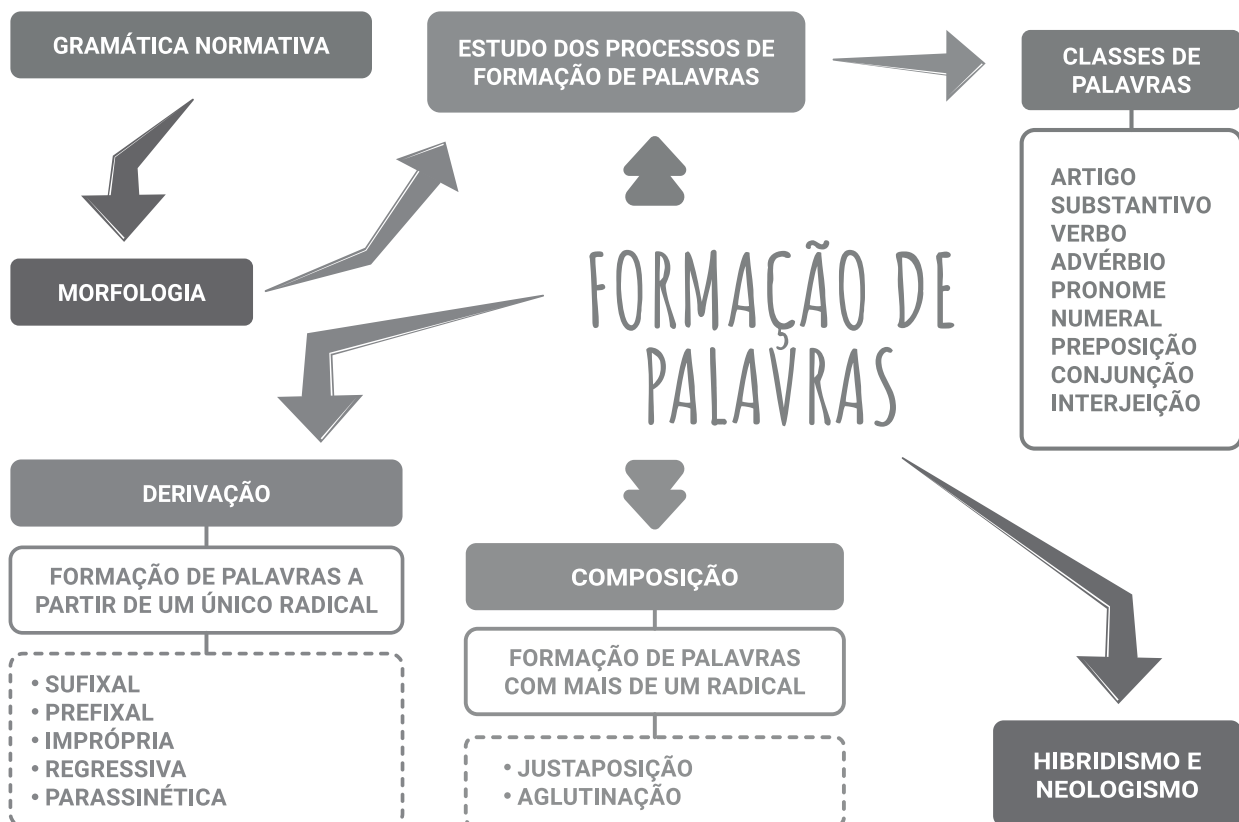
Habilidade(s):
1, 2, 3, 4, 26 e 27

AULAS
1 E 2

VOCÊ DEVE SABER!

- Morfologia: formação de palavras
- Morfemas
- Processos de formação
- Formação por derivação
- Formação por composição
- Outros processos
- Hibridismo
- Neologismo

MAPEANDO O SABER



ANOTAÇÕES



EXERCÍCIOS DE SALA

1. (UNICAMP 2022) Leia, a seguir, o título e subtítulo de uma reportagem.

Roça-office: dobra procura por imóveis no interior baiano durante pandemia

Reflexão sobre vivência urbana tem causado um novo êxodo urbano; conheça histórias e veja quando vale a pena se mudar

(Fonte: *Correio 24horas*. 21/06/2021.)

Ao longo da pandemia da Covid-19 tornou-se cada vez mais recorrente o uso da expressão de língua inglesa **home office** (em tradução literal, “escritório em casa”) para se referir a trabalho a distância ou a teletrabalho. Indique a alternativa que descreve o processo de composição do neologismo “roça-office”, conforme empregado no título da reportagem.

- A substituição do vocábulo em inglês “home” por “roça” torna o uso desse estrangeirismo mais adequado à grafia do português.
 - A justaposição de “roça” e “office” produz um efeito cômico pelo contraste entre os meios rural e urbano na formação do neologismo.
 - A justaposição de “roça” e do neologismo “office” baseia-se na similaridade fonético-fonológica entre os vocábulos “home” e “roça”.
 - A aglutinação dos radicais “roça” e “office” adapta o neologismo aos imóveis brasileiros e produz o efeito de humor na manchete.
2. (FAMEMA 2022) Todas as opções abaixo mostram palavras formadas com a ajuda do sufixo **-ada**; assinale a opção em que esse sufixo tem o mesmo valor semântico.
- martelada / panelada / entrada.
 - garotada / livralhada / cusparada.
 - cacetada / bordoadada / meninada.
 - marmelada / estada / goiabada.
 - caldeirada / bacalhoada / feijoada.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a cena inicial da comédia **O noviço**, de Martins Pena.

AMBRÓSIO: No mundo a fortuna é para quem sabe adquiri-la. Pintam-na cega... Que simplicidade! Cego é aquele que não tem inteligência para vê-la e a alcançar. Todo homem pode ser rico, se atinar com o verdadeiro caminho da fortuna. Vontade forte, perseverança e pertinácia são poderosos auxiliares. Qual o homem que, resolvido a empregar

todos os meios, não consegue enriquecer-se? Em mim se vê o exemplo. Há oito anos, era eu pobre e miserável, e hoje sou rico, e mais ainda serei. O como não importa; no bom resultado está o mérito... Mas um dia pode tudo mudar. Oh, que temo eu? Se em algum tempo tiver de responder pelos meus atos, o ouro justificar-me-á e serei limpo de culpa. As leis criminais fizeram-se para os pobres...

(Martins Pena. *Comédias (1844-1845)*, 2007.)

3. (UNESP 2022) Um vocábulo também pode ser formado quando passa de uma classe gramatical a outra, sem a modificação de sua forma. É o que se denomina derivação imprópria. Na fala de Ambrósio, constitui exemplo de derivação imprópria o vocábulo sublinhado em
- “O como não importa”.
 - “Mas um dia pode tudo mudar”.
 - “No mundo a fortuna é para quem sabe adquiri-la”.
 - “Pintam-na cega”.
 - “Em mim se vê o exemplo”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a crônica “Caso de justiceiro”, de Carlos Drummond de Andrade.

Mercadinho é imagem de confusão organizada. Todos comprando tudo ao mesmo tempo em corredores estreitos, carrinhos e pirâmides de coisas se comprimindo, apalpamento, cheiração e análise visual de gêneros pelas madamas, e, a dominar o vozerio, o metralhar contínuo das registradoras. Um olho invisível, múltiplo e implacável, controla os menores movimentos da freguesia, devassa o mistério de bolsas e bolsos, quem sabe se até o pensamento. Parece o caos; contudo nada escapa à fiscalização. Aquela velhinha estrangeira, por exemplo, foi desmascarada. – A senhora não pagou a dúzia de ovos quebrados. – Paguei.

Antes que o leitor suponha ter a velhinha quebrado uma dúzia de ovos, explico que eles estão à venda assim mesmo, trincados. Por isso são mais baratos, e muita gente os prefere; casca é embalagem. A senhora ia pagar a dúzia de ovos perfeitos, comprada depois; mas e os quebrados, que ela comprara antes? A velhinha se zanga e xinga em ótimo português-carioca o rapaz da caixa. O qual lhe responde boas, no mesmo idioma, frisando que gringo nenhum viria lá de sua terra da peste para dar prejuízo no Brasil, que ele estava ali para defender nosso torrão contra piratas da estranja. A mulher, fura de indignação, foi perdendo a voz. Caixeiros acorreram, tomando posição em defesa da pátria ultrajada na pessoa do colega; entre eles, alguns portugueses. A freguesia fez bolo. O mercadinho parou.

Eis que irrompe o tarzã de calção de banho ainda rorejante e berra para o caixa:

- Para com isso, que eu não conheço essa dona mas vê-se pela cara que é distinta.
- Distinta? Roubou cem cruzeiros à casa e insultou a gente feito uma danada.
- Roubou coisa nenhuma, e o que ela disse de você eu não ouvi mas subscrevo. O que você é, é um calhorda e quer fazer média com o patrão à custa de uma pobre mulher.

O outro ia revidar à altura, mas o tarzã não era de cinema, era de verdade, o que aliás não escapou à percepção de nenhum dos presentes. De modo que enquanto uns socorriam a velhinha, que desmaiava, outros passavam a apoiá-la moralmente, querendo arrebentar aquela joça. O partido nacionalista acoelhou-se. Foram tratando de cerrar as portas, para evitar a repetição de Caxias. Quem estava lá dentro que morresse de calor; enquanto não viessem a radiopatrulha e a ambulância, a questão dos ovos ficava em suspenso.

- Ah, é? - disse o vingador. - Pois eu pago os cem cruzeiros pelos ovos mas você tem de engolir a nota.

Tirou-a do bolso do calção, fez uma bolinha, puxou para baixo, com dedos de ferro, o queixo do caixa, e meteu-lhe o dinheiro na boca.

Assistência deslumbrada, em silêncio admiracional. Não é todos os dias que se vê engolir dinheiro. O caixa começou a mastigar, branco, nauseado, engasgado.

Uma voz veio do setor de ovos:

- Ela não roubou mesmo não! Olha o dinheiro embaixo do pacote!

Outras vozes se altearam: "Engole mais os outros cem!" "Os ovos também!" "Salaфра" "Isso!" "Aquilo!". A onda era tamanha que o tarzã, instrumento da justiça divina, teve de restabelecer o equilíbrio.

- Espera aí. Este aqui já pagou. Agora vocês é que vão engolir tudo, se maltrataram este rapaz.

(Carlos Drummond de Andrade. *Cadeira de balanço*, 2020.)

4. **(ALBERT EINSTEIN - MEDICINA 2022)** A derivação regressiva ocorre quando, a partir de um vocábulo com sufixo real ou suposto, formamos um novo vocábulo por meio da eliminação do referido sufixo. Verifica-se um exemplo de derivação regressiva no seguinte trecho:
- a) "Por isso são mais baratos, e muita gente os prefere" (4º parágrafo)
 - b) "Não é todos os dias que se vê engolir dinheiro" (13º parágrafo)
 - c) "ele estava ali para defender nosso torrão contra piratas da estranja" (5º parágrafo)
 - d) "Todos comprando tudo ao mesmo tempo em corredores estreitos" (1º parágrafo)
 - e) "eu pago os cem cruzeiros pelos ovos mas você tem de engolir a nota" (11º parágrafo)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O telejornalismo é um dos principais produtos televisivos. Sejam as notícias boas ou ruins, ele precisa garantir uma experiência esteticamente agradável para o espectador. Em suma, ser um "infotainment", para atrair prestígio, anunciante e rentabilidade. Porém, a atmosfera pesada do início do ano baixou nos telejornais: Brumadinho, jovens atletas mortos no incêndio do CT do Flamengo, notícias diárias de feminicídios, de valentões armados matando em brigas de trânsito e supermercados. Conjunções adversativas e adjuntos adverbiais já não dão mais conta de neutralizar o *tsunami* de tragédias e violência, e de amenizar as más notícias para garantir o "infotainment". No jornal, é apresentada matéria sobre uma mulher brutalmente espancada, internada com diversas fraturas no rosto. Em frente ao hospital, uma repórter fala: "mas a boa notícia é que ela saiu da UTI e não precisará mais de cirurgia reparadora na face...". Agora, repórteres repetem a expressão "a boa notícia é que...", buscando alguma brecha de esperança no "outro lado" das más notícias.

(Adaptado de Wilson R. V. Ferreira, Globo adota "a boa notícia é que..." para tentar se salvar do baixo astral nacional.

Disponível em <https://cinegnose.Blogs.pot.com/2019/02/globo-adota-boa-noticia-e-que-para.html>. Acessado em 01/03/2019.)

5. **(UNICAMP 2020)** Para se referir a matérias jornalísticas televisivas que informam e, ao mesmo tempo, entretêm os espectadores, o autor cria um neologismo por meio de
- a) derivação prefixal.
 - b) composição por justaposição.
 - c) composição por aglutinação.
 - d) derivação imprópria.
6. **(UNICAMP 2018)** O brasileiro João Guimarães Rosa e o irlandês James Joyce são autores reverenciados pela inventividade de sua linguagem literária, em que abundam neologismos. Muitas vezes, por essa razão, Guimarães Rosa e Joyce são citados como exemplos de autores "praticamente intraduzíveis". Mesmo sem ter lido os autores, é possível identificar alguns dos seus neologismos, pois são baseados em processos de formação de palavras comuns ao português e ao inglês.

Entre os recursos comuns aos neologismos de Guimarães Rosa e de James Joyce, estão:

- I. Onomatopeia (formação de uma palavra a partir de uma reprodução aproximada de um som natural, utilizando-se os recursos da língua); e
- II. Derivação (formação de novas palavras pelo acréscimo de prefixos ou sufixos a palavras já existentes na língua).

Os neologismos que aparecem nas opções abaixo foram extraídos de obras de Guimarães Rosa (GR) e James Joyce (JJ). Assinale a opção em que os processos (I) e (II) estão presentes:

- a) Quinculinculim (GR, **No Urubuquaquá, no Pinhém**) e tattarrattat (JJ, **Ulisses**).
- b) **Transtrazer** (GR, **Grande sertão: veredas**) e monoidal (JJ, **Ulisses**).
- c) Rttsttr (JJ, **Ulisses**) e quinculinculim (GR, **No Urubuquaquá, no Pinhém**).
- d) Tattarrattat (JJ, **Ulisses**) e esquecer-se (GR, **Ave, Palavra**).

ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O MEDO DO SILÊNCIO E O VÍCIO DA INFORMAÇÃO DESENFREADA

Julián Fuks

Não sou o único, suspeito que seja um entre milhares, um entre milhões, a ocupar de palavras cada instante vago, a fugir do silêncio, do vazio, do marasmo. Faço isso contra mim mesmo, obedeço ao meu vício, me saturo, me embriago de linguagem. ¹Entro no elevador e já apalpo o bolso à procura do celular, para que me acompanhe por um minuto até que a porta se abra. ²Se a notícia é forte, se a conversa é enfática, caminho pela rua dividindo o olhar entre a tela e a calçada, e espero na fila do mercado absorvido em comentários erráticos de pessoas que conheço mal. Durante todo o trajeto, perdi rostos, pensamentos, paisagem, fui uma ausência entre ausências no mundo que reputo real. A princípio a novidade me pareceu um disparate: poderíamos agora acelerar o som dos programas que ouvimos, dos áudios que recebemos. Quem teria tanta pressa, cheguei a me perguntar, quem aceitaria deturpar as vozes dos amigos, fazer de suas vagarezas habituais um discurso impaciente, ansioso, seco? Brinquei com as minhas filhas de acelerar as nossas vozes, de falar tão rápido quanto podíamos e em seguida ouvir nossas asperezas, nossos atropelos. E então a graça foi se perdendo pelos dias em sua presteza, o que era insólito se fez ordinário, e passei a ouvir quase tudo apressado, com um módico incremento de ritmo e de raiva. Adensei de informações a minha existência, reduzi ao mínimo meu silêncio, meu tédio, minha inteligência.

Meu vício é por notícias, por análises, por debates, meu vício é por imagens improváveis, meu vício é por comentários jocosos, piadas de circunstância, risos fáceis. Nunca estive tão abastecido de produtos que possam saciar essa ânsia, nunca dispus de uma comunicação tão irrefreável, e ainda assim não me sacio. Dormir é calar a profusão de palavras, acordar é voltar a aceitá-la. ³Guardo consciência de que tudo isso não está me preenchendo de nada, de que estou me esvaziando, estou hipertrofiado de informações, atrofiado de interioridade. Há dias em que me escuto muito mal, quase não me escuto com tanto ruído que me invade.

⁴Pouca paciência me resta para o cinema que antes me encantava. Vejo um homem cruzando um deserto, atravessando uma praça, seguindo pelo corredor de um hotel, e anseio para que apresse o passo, para que enfim a cena comece, para que se

dê o diálogo. É como se quisesse optar, nos mesmos filmes que admirava, nos filmes que ainda admiro, por uma nova velocidade, uma que não me obrigue à assimilação lenta de cada detalhe. Não é um desejo harmônico, não é nada unânime entre os muitos que sou. Sou ⁵impaciente com a minha própria ⁶impaciência, luto contra mim para recuperar a tranquilidade, para voltar a ser um sujeito de pálpebras baixas disposto à divagação e à contemplação desarmada.

Penso no tempo em que a incomunicação ditava o sentido do cinema, da literatura, das artes. Víamos contundência e beleza no marasmo, víamos um homem em estado de solidão e pensávamos capturar seu desamparo, seu desconsolo, sua profundidade. ⁷Hoje a dor desse homem se converteu num tédio que já não suportamos. Samuel Beckett virou tema para estudiosos, suas esperas falam incomunicação não nos comunica mais nada. O autor que quiser dar conta deste tempo atordoante terá que abrir espaço aos excessos da comunicação, fazer reverberar em sua obra essas vozes que nunca calam, nunca cansam de falar, em ritmo agora turbinado. E, no entanto, o que procuro na literatura é o contrário, é nela que me abrigo do ruído, com suas palavras ⁸reinstauo o silêncio necessário. ⁹No intervalo entre dois versos, entre duas linhas de um romance bom, me desvio para os meus próprios pensamentos e é como se os ¹⁰reencontrasse, à minha espera, calmos, imperturbáveis. Geralmente, querem me falar sobre coisas muito diferentes dessa existência vertiginosa, seu tempo não é o presente, outro é seu horizonte, outra sua cadência. ¹¹Quando o pensamento se emancipa do vício, o passado é vasto, o futuro é franco, o mundo não se limita a esse caos rumoroso que nos consome e nos debilita.

O último pensamento me conduziu a uma nostalgia: nostalgia do silêncio, da conversa ineficiente, do encontro vadio. Dos amigos que pouco vejo neste mundo de atropelos, das vozes queridas que acelerei para meu ¹²desprazer. De vocês, não quero mais a informação certa, não quero a eficácia comunicativa. Quero voltar a ouvir suas pausas, suas hesitações, seus descaminhos, quero voltar a adivinhar o rumo de seus juízos. Preciso de vocês para combater o meu vício, para me munir de palavras ociosas e indolentes. Aguardo áudios que me adormeçam, que me despertem.

Disponível em <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/julian-fuks/2021/08/21/o-medo-do-silencio-e-o-vicio-da-informacao-desenfreada.htm>. Acesso em 01 de setembro de 2021

1. **(UECE 2022)** No texto, o autor utiliza diversas palavras com o mesmo processo de formação, como se constata em: “impaciente” (ref. 5); “impaciência” (ref. 6); “reinstauo” (ref. 8); “reencontrasse” (ref. 10); “desprazer” (ref. 12). Esse processo de formação de palavras recebe o nome de derivação
 - a) parassintética.
 - b) sufixal.
 - c) imprópria.
 - d) prefixal.

2. **(ENEM PPL 2012)** Devemos dar apoio emocional específico, trabalhando o sentimento de culpa que as mães têm de infectar o filho. O principal problema que vivenciamos é quanto ao aleitamento materno. Além do sentimento muito forte manifestado pelas gestantes de amamentar seus filhos, existem as cobranças da família, que exige explicações pela recusa em amamentar, sem falar nas companheiras na maternidade que estão amamentando. Esses conflitos constituem nosso maior desafio. Assim, criamos a técnica de mamadeirar. O que é isso? É substituir o seio materno por amor, oferecendo a mamadeira, e não o peito!

PADOIN, S. M. M. et al. (Org.) *Experiências interdisciplinares em Aids: interfaces de uma epidemia*. Santa Maria: UFSM, 2006 (adaptado).

O texto é o relato de uma enfermeira no cuidado de gestantes e mães soropositivas. Nesse relato, em meio ao drama de mães que não devem amamentar seus recém-nascidos, observa-se um recurso da língua portuguesa, presente no uso da palavra “mamadeirar”, que consiste

- a) na manifestação do preconceito linguístico.
- b) na recorrência a um neologismo.
- c) no registro coloquial da linguagem.
- d) na expressividade da ambiguidade lexical.
- e) na contribuição da justaposição na formação de palavras.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



Fonte: <https://www.hojeemdia.com.br/opini%C3%A3o/blogs/blog-do-lute-1.366314/charge-do-dia-12-03-2019-1.700110> acesso em: 25 de out de 2019

3. (S1 - IFCE 2020) A expressão *fake news* que aparece na charge representa um exemplo de fenômeno linguístico conhecido como
- a) onomatopeia.
 - b) neologismo.
 - c) estrangeirismo.
 - d) hibridismo.
 - e) composição.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia um trecho do artigo "Reflexões sobre o tempo e a origem do Universo", do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder à(s) questão(ões).

Qualquer discussão sobre o tempo deve começar com uma análise de sua estrutura, que, por falta de melhor expressão, devemos chamar de "temporal". É comum dividirmos o tempo em passado, presente e futuro. O passado é o que vem antes do presente e o futuro é o que vem depois. Já o presente é o "agora", o instante atual. Isso tudo parece bastante óbvio, mas não é. Para definirmos passado e futuro, precisamos definir o presente. Mas, segundo nossa separação estrutural, o presente não pode ter duração no tempo, pois nesse caso poderíamos definir um período no seu passado e no seu futuro. Portanto, para sermos coerentes em nossas definições, o presente não pode ter duração no tempo. Ou seja, o presente não existe!

A discussão acima nos leva a outra questão, a da origem do tempo. Se o tempo teve uma origem, então existiu um momento no passado em que ele passou a existir. Segundo nossas modernas teorias cosmogônicas, que visam explicar a origem do Universo, esse momento especial é o momento da origem do Universo "clássico". A expressão "clássico" é usada em contraste com "quântico", a área da física que lida com fenômenos atômicos e subatômicos.

[...]

As descobertas de Einstein mudaram profundamente nossa concepção do tempo. Em sua teoria da relatividade geral, ele mostrou que a presença de massa (ou de energia) também influencia a passagem do tempo, embora esse efeito seja irrelevante em nosso dia a dia. O tempo relativístico adquire uma plasticidade definida pela realidade física à sua volta. A coisa se complica quando usamos a relatividade geral para descrever a origem do Universo.

(Folha de S.Paulo, 07.06.1998.)

4. (UNIFESP 2018) O processo de formação de palavras verificado em “estrutural” (2º parágrafo) também está presente em
- “futuro” (1º parágrafo).
 - “portanto” (2º parágrafo).
 - “momento” (3º parágrafo).
 - “plasticidade” (4º parágrafo).
 - “origem” (3º parágrafo).

5. Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, o processo de formação das palavras destacadas nas frases abaixo.

- “Ia tomar sol, esquentar o corpo **gigantesco** que agora se dobrava em dois...”
- “Gostava tanto de ver o **florir** e o carregar do cacau...”
- “O rapaz avistou um vulto e, **inconsequentemente**, soltou um grito, acordando a fera.”

- sufixação - derivação regressiva - parassíntese
- prefixação - derivação regressiva - parassíntese
- sufixação - derivação imprópria - prefixação e sufixação
- prefixação - derivação imprópria - prefixação e sufixação

6. (ENEM PPL 2011)

Piraí, Piraí, Piraí
 Piraí bandalargou-se um pouquinho
 Piraí infoviabilizou
 Os ares do município inteirinho
 Com certeza a medida provocou
 Um certo vento de redemoinho

Diabo de menino agora quer
 Um *ipod* e um computador novinho
 Certo é que o sertão quer virar mar
 Certo é que o sertão quer navegar
 No micro do menino internetinho

GIL, G. Banda larga cordel. *Geleia Geral*. 2008.
 Disponível em: <http://www.gilbertogil.com.br>.
 Acesso em: 24 abr. 2010 (fragmento).

No texto, encontram-se as expressões “bandalargou-se”, “infoviabilizou” e “internetinho”, que indicam a influência da tecnologia digital na língua. Em relação à dinamicidade da língua no processo de comunicação, essas expressões representam

- a expansão vocabular influenciada pelo uso cotidiano de ferramentas da cultura digital.
- o desconhecimento das regras de formação de palavras na língua.
- a derivação de palavras sob a influência de falares arcaicos.
- a incorporação de palavras estrangeiras sem adaptações à língua portuguesa.

- a apropriação de conceitos ultrapassados disseminados pelas influências estrangeiras.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo e responda à(s) questão(ões).

A PIPOCA

Rubem Alves

A culinária me fascina. De vez em quando eu até me até atrevo a cozinhar. Mas o fato é que sou mais competente com as palavras que com as panelas. Por isso tenho mais escrito sobre comidas que cozinhado. Dedico-me a algo que poderia ter o nome de “culinária literária”. Já escrevi sobre as mais variadas entidades do mundo da cozinha: cebolas, ora-pro-nóbis, picadinho de carne com tomate feijão e arroz, bacalhoadada, suflês, sopas, churrascos. Cheguei mesmo a dedicar metade de um livro poético-filosófico a uma meditação sobre o filme *A festa de Babette*, que é uma celebração da comida como ritual de feitiçaria. Sabedor das minhas limitações e competências, nunca escrevi como chef. Escrevi como filósofo, poeta, psicanalista e teólogo – porque a culinária estimula todas essas funções do pensamento.

As comidas, para mim, são entidades oníricas. Provocam a minha capacidade de sonhar. Nunca imaginei, entretanto, que chegaria um dia em que a pipoca iria me fazer sonhar. Pois foi precisamente isso que aconteceu. A pipoca, milho mirrado, grãos redondos e duros, me pareceu uma simples molecagem, brincadeira deliciosa, sem dimensões metafísicas ou psicanalíticas. Entretanto, dias atrás, conversando com uma paciente, ela mencionou a pipoca. E algo inesperado na minha mente aconteceu. Minhas ideias começaram a estourar como pipoca. Percebi, então, a relação metafórica entre a pipoca e o ato de pensar. Um bom pensamento nasce como uma pipoca que estoura, de forma inesperada e imprevisível. A pipoca se revelou a mim, então, como um extraordinário objeto poético. Poético porque, ao pensar nelas, as pipocas, meu pensamento se pôs a dar estouros e pulos como aqueles das pipocas dentro de uma panela.

Lembrei-me do sentido religioso da pipoca. A pipoca tem sentido religioso? Pois tem. Para os cristãos, religiosos são o pão e o vinho, que simbolizam o corpo e o sangue de Cristo, a mistura de vida e alegria (porque vida, só vida, sem alegria, não é vida...). Pão e vinho devem ser bebidos juntos. Vida e alegria devem existir juntas. Lembrei-me, então, de lição que aprendi com a Mãe Stella, sábia poderosa do candomblé baiano: que a pipoca é a comida sagrada do candomblé...

A pipoca é um milho mirrado, subdesenvolvido. Fosse eu agricultor ignorante, e se no meio dos meus milhos graúdos aparecessem aquelas espigas

nanicas, eu ficaria bravo e trataria de me livrar delas. Pois o fato é que, sob o ponto de vista do tamanho, os milhos da pipoca não podem competir com os milhos normais. Não sei como isso aconteceu, mas o fato é que houve alguém que teve a ideia de debulhar as espigas e colocá-las numa panela sobre o fogo, esperando que assim os grãos amolecessem e pudessem ser comidos. Havendo fracassado a experiência com água, tentou a gordura. O que aconteceu, ninguém jamais poderia ter imaginado. Repentinamente os grãos começaram a estourar, saltavam da panela com uma enorme barulheira. Mas o extraordinário era o que acontecia com eles: os grãos duros quebra-dentes se transformavam em flores brancas e macias que até as crianças podiam comer. O estouro das pipocas se transformou, então, de uma simples operação culinária, em uma festa, brincadeira, molecagem, para os risos de todos, especialmente as crianças. É muito divertido ver o estouro das pipocas!

E o que é que isso tem a ver com o candomblé? É que a transformação do milho duro em pipoca macia é símbolo da grande transformação porque devem passar os homens para que eles venham a ser o que devem ser. O milho da pipoca não é o que deve ser. Ele deve ser aquilo que acontece depois do estouro. O milho da pipoca somos nós: duros, quebra-dentes, impróprios para comer, pelo poder do fogo podemos, repentinamente, nos transformar em outra coisa – voltar a ser crianças!

Mas a transformação só acontece pelo poder do fogo. Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca, para sempre. Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira. São pessoas de uma mesmice e dureza assombrosas. Só que elas não percebem. Acham que o seu jeito de ser é o melhor jeito de ser. Mas, de repente, vem o fogo. O fogo é quando a vida nos lança numa situação que nunca imaginamos. Dor. Pode ser fogo de fora: perder um amor, perder um filho, ficar doente, perder um emprego, ficar pobre. Pode ser fogo de dentro. Pânico, medo, ansiedade, depressão – sofrimentos cujas causas ignoramos. Há sempre o recurso aos remédios. Apagar o fogo. Sem fogo o sofrimento diminui. E com isso a possibilidade da grande transformação.

Imagino que a pobre pipoca, fechada dentro da panela, lá dentro ficando cada vez mais quente, pense que sua hora chegou: vai morrer. De dentro de sua casca dura, fechada em si mesma, ela não pode imaginar destino diferente. Não pode imaginar a transformação que está sendo preparada. A pipoca não imagina aquilo de que ela é capaz. Aí, sem aviso prévio, pelo poder do fogo, a grande transformação acontece: pum! – e ela aparece como uma outra coisa, completamente diferente,

que ela mesma nunca havia sonhado. É a lagarta rastejante e feia que surge do casulo como borboleta voante.

Na simbologia cristã o milagre do milho de pipoca está representado pela morte e ressurreição de Cristo: a ressurreição é o estouro do milho de pipoca. É preciso deixar de ser de um jeito para ser de outro. “Morre e transforma-te!” – dizia Goethe.

Em Minas, todo mundo sabe o que é piruá. Falando sobre os piruás com os paulistas descobri que eles ignoram o que seja. Alguns, inclusive, acharam que era gozação minha, que piruá é palavra inexistente. Cheguei a ser forçado a me valer do Aurélio para confirmar o meu conhecimento da língua. Piruá é o milho de pipoca que se recusa a estourar. Meu amigo William, extraordinário professor-pesquisador da Unicamp, especializou-se em milhos, e desvendou cientificamente o assombro do estouro da pipoca. Com certeza ele tem uma explicação científica para os piruás. Mas, no mundo da poesia as explicações científicas não valem. Por exemplo: em Minas “piruá” é o nome que se dá às mulheres que não conseguiram casar. Minha prima, passada dos quarenta, lamentava: “Fiquei piruá!” Mas acho que o poder metafórico dos piruás é muito maior. Piruás são aquelas pessoas que, por mais que o fogo es quente, se recusam a mudar. Elas acham que não pode existir coisa mais maravilhosa do que o jeito delas serem. Ignoram o dito de Jesus: “Quem preservar a sua vida perdê-la-á.” A sua presunção e o seu medo são a dura casca do milho que não estoura. O destino delas é triste. Vão ficar duras a vida inteira. Não vão se transformar na flor branca macia. Não vão dar alegria para ninguém. Terminado o estouro alegre da pipoca, no fundo da panela ficam os piruás que não servem para nada. Seu destino é o lixo. Quanto às pipocas que estouraram, são adultos que voltaram a ser crianças e que sabem que a vida é uma grande brincadeira...

Disponível em http://www.releituras.com/rubemalves_pipoca.asp.

Acessado em 31 de mai. 2016.

Obs.: O texto foi adaptado às regras do Novo Acordo Ortográfico.

7. (EFOMM 2017) No que tange ao processo de formação de palavras, o termo destacado que se enquadra como **formação-regressiva** aparece na opção
- As comidas, para mim, são entidades oníricas. Provocam a minha **capacidade** de sonhar.
 - Um bom pensamento nasce como uma pipoca que estoura, de forma **inesperada** e imprevisível.
 - É que a transformação do milho **duro** em pipoca macia é símbolo da grande transformação (...)
 - O **estouro** das pipocas se transformou, então, de uma simples operação culinária (...)
 - O milho da pipoca somos nós: duros, **quebra-dentes**, impróprios para comer (...)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
Leia o soneto de Luís de Camões.

A fermosura desta fresca serra
e a sombra dos verdes castanheiros,
o manso caminhar destes ribeiros,
donde toda a tristeza se desterra;

o rouco som do mar, a estranha¹ terra,
o esconder do sol pelos outeiros²,
o recolher dos gados derradeiros,
das nuvens pelo ar a branda guerra;

enfim, tudo o que a rara natureza
com tanta variedade nos of'rece,
me está, se não te vejo, magoando.

Sem ti, tudo me enoja e me aborrece;
sem ti, perpetuamente estou passando,
nas mores alegrias, mor tristeza.

(Luís de Camões. *Sonetos*, 2001.)

¹ **estranha**: rara, que não é comum, que não é vulgar.

² **outeiros**: montes.

8. (UNIFESP 2022) Um vocábulo também pode ser formado quando passa de uma classe gramatical a outra, sem qualquer modificação de sua forma. Tal processo de formação de palavras é denominado derivação imprópria. Observa-se um exemplo de derivação imprópria no verso:
- “donde toda a tristeza se desterra;” (1ª estrofe)
 - “o manso caminhar destes ribeiros,” (1ª estrofe)
 - “o rouco som do mar, a estranha terra,” (2ª estrofe)
 - “das nuvens pelo ar a branda guerra;” (2ª estrofe)
 - “sem ti, perpetuamente estou passando,” (4ª estrofe)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do romance *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

Sei que estou contando errado, pelos altos. Desemendo. Mas não é por disfarçar, não pense. De grave, na lei do comum, disse ao senhor quase tudo. Não crio receio. O senhor é homem de pensar o dos outros como sendo o seu, não é criatura de pôr denúncia. E meus feitos já revogaram, prescrição dita. Tenho meu respeito firmado. Agora, sou anta empoçada, ninguém me caça. Da vida pouco me resta – só o deo-gratias; e o troco. Bobeia. Na feira de São João Branco, um homem andava falando: – “A pátria não pode nada com a velhice...” Discordo. A pátria é dos velhos, mais. Era um homem maluco, os dedos cheios de anéis velhos sem

valor, as pedras retiradas – ele dizia: aqueles todos anéis davam até choque elétrico... Não. Eu estou contando assim, porque é o meu jeito de contar. Guerras e batalhas? Isso é como jogo de baralho, verte, reverte. Os revoltosos depois passaram por aqui, soldados de Prestes, vinham de Goiás, reclamavam posse de todos os animais de sela. Sei que deram fogo, na barra do Urucuia, em São Romão, aonde aportou um vapor do Governo, cheio de tropas da Bahia. Muitos anos adiante, um roceiro vai lavrar um pau, encontra balas cravadas. O que vale, são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgobernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. [...] Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe.

(*Grande sertão: veredas*, 2015.)

9. (UNESP 2021) Para a formação do neologismo “vivimento”, o narrador recorreu ao mesmo processo de formação de palavras observado em
- “desemendo”.
 - “velhice”.
 - “denúncia”.
 - “reverte”.
 - “adiante”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O nada que é

*Um canavial tem a extensão
ante a qual todo metro é vão.*

*Tem o escancarado do mar
que existe para desafiar*

*que números e seus afins
possam prendê-lo nos seus sins.*

*Ante um canavial a medida
métrica é de todo esquecida,*

*porque embora todo povoado
povoa-o o pleno anonimato*

*que dá esse efeito singular:
de um nada prenhe como o mar.*

(João Cabral de Melo Neto. *Museu de tudo e depois*, 1988.)

10. (UNIFESP 2014) No título do poema – *O nada que é –*, ocorre a substantivação do pronome *nada*. Esse processo de formação de palavras também se verifica em:
- A arquitetura do poema em João Cabral define-**lhe** o processo de criação.
 - A poética de João Cabral assume traços do Barroco **gongórico**.
 - Poema **algum** de João Cabral escapa de seu processo rigoroso de composição.
 - Em *Morte e Vida Severina*, João Cabral expressa o homem como **coisa**.
 - A poesia de João Cabral tem um **quê** de despoetização.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Análise a charge para responder à(s) questão(ões).



<<https://tinyurl.com/yaougao9>> Acesso em: 12.10.2018. Original colorido.

11. (G1 - CPS 2019) O título da charge “democracinhas” é um neologismo composto pelo mesmo processo de formação presente no termo
- desanuviar*, derivação sufixal.
 - inativo*, derivação parassintética.
 - girassol*, composição por hibridismo.
 - fidalgo*, composição por aglutinação.
 - televisão*, derivação prefixal e sufixal.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

¹Hoje os conhecimentos se estruturam de modo ³fragmentado, ⁴separado, ⁵compartimentado nas disciplinas. ⁸Essa situação impede uma visão global, uma visão fundamental e uma visão complexa. ¹³“Complexidade” vem da palavra latina *complexus*, que significa a compreensão dos elementos no seu conjunto. As disciplinas costumam excluir tudo o que se encontra fora do ⁹seu campo de especialização. A literatura, no entanto, é uma área que se situa na inclusão de todas as dimensões humanas. Nada do humano ¹⁰lhe é estranho, ⁶estrangeiro.

A literatura e o teatro são desenvolvidos como meios de expressão, meios de conhecimento, meios de compreensão da ¹⁴complexidade humana. Assim, podemos ver o primeiro modo de inclusão da literatura: a inclusão da ¹⁵complexidade humana. E vamos ver ainda outras inclusões: a inclusão da personalidade humana, a inclusão da subjetividade humana, e, também, muito importante, a inclusão; do estrangeiro, do marginalizado, do infeliz, de todos que ignoramos e desprezamos na vida cotidiana.

A inclusão da ¹⁶complexidade humana é necessária porque recebemos uma visão mutilada do humano. ¹¹Essa visão, a de *homo sapiens*, é uma ¹⁷definição do homem pela razão; de *homo faber*²⁰, do homem como trabalhador; de *homo economicus*²¹, movido por lucros econômicos. Em resumo, trata-se de uma visão prosaica, mutilada, ¹²que esquece o principal²²: a relação do *sapiens/demens*, da razão com a demência, com a loucura.

Na literatura, encontra-se a inclusão dos problemas humanos mais terríveis, coisas ¹⁸insuportáveis que nela se tornam suportáveis. Harold Bloom escreve: ²⁴“Todas as ²⁵grandes obras revelam a universalidade humana através de destinos singulares, de situações singulares, de épocas singulares». É essa a razão por que as ¹⁹obras-primas atravessam ⁷séculos, sociedades e nações.

²Agora chegamos à parte mais humana da inclusão: a inclusão do outro para a compreensão humana. A compreensão nos torna mais generosos com relação ao outro²³, e o criminoso não é unicamente mais visto como criminoso, ²⁶como o Raskolnikov de Dostoiévsky, como o Padrinho de Copolla.

A literatura, o teatro e o cinema são os melhores meios de compreensão e de inclusão do outro. Mas a compreensão se torna provisória, esquecemo-nos depois da leitura, da peça e do filme. Então essa compreensão é que deveria ser introduzida e desenvolvida em nossa vida pessoal e social, porque serviria para melhorar as relações humanas, para melhorar a vida social.

Adaptado de: MORIN, Edgar. A inclusão: verdade da literatura.

In: RÔSING, Tânia et al. *Edgar Morin: religando fronteiras*. Passo Fundo: UPF, 2004. p.13-18

12. (UFRGS 2015) Na coluna II, estão palavras retiradas do texto; na coluna I, descrições relacionadas à formação de palavras.

Associe corretamente a coluna da esquerda com a da direita.

Coluna I

1. Constituída por composição através de justaposição.
2. Constituída por prefixo com sentido de negação e sufixo formador de adjetivos a partir de verbos
3. Constituída por sufixo formador de substantivo a partir de adjetivo.
4. Constituída por sufixo formador de substantivo a partir de verbo.
5. Constituída por aglutinação, tendo em vista a mudança silábica de um dos elementos do vocábulo.

Coluna II

- () **complexidade** (refs. 13, 14, 15 e 16)
 () **definição** (ref. 17)
 () **insuportáveis** (ref. 18) sufixo formador de adjetivos a partir de verbos.
 () **obras-primas** (ref. 19)

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) 4 - 3 - 2 - 1.
- b) 3 - 4 - 2 - 5.
- c) 4 - 3 - 1 - 5.
- d) 3 - 4 - 2 - 1.
- e) 3 - 2 - 1 - 5.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Casimiro de Abreu pertence à geração dos poetas que morreram prematuramente, na casa dos vinte anos, como Álvares de Azevedo e outros, acometidos do “mal” byroniano. Sua poesia, reflexo autobiográfico dos transe, imaginários e verídicos, que lhe agitaram a curta existência, centra-se em dois temas fundamentais: a saudade e o lirismo amoroso. Graças a tal fundo de juvenilidade e timidez, sua poesia saudosista guarda um não sei quê de infantil.

(Massaud Moisés. *A literatura brasileira através dos textos*, 2004. Adaptado.)

13. (UNIFESP 2014) Os substantivos do texto derivados pelo mesmo processo de formação de palavras são:
- a) juvenilidade e timidez.
 - b) geração e byroniano.
 - c) reflexo e imaginários.
 - d) prematuramente e autobiográfico.
 - e) saudade e infantil.

14. (UEL 2011) A questão refere-se ao romance *O outro pé da sereia*, de Mía Couto.

A crítica literária tem aproximado o moçambicano Mía Couto do brasileiro Guimarães Rosa, em particular pelo fato de ambos empregarem neologismos em suas obras.

No trecho “as mãos calosas, de enxadachim”, extraído do conto “Fatalidade”, de autoria do autor brasileiro, o neologismo “enxadachim” é construído pelo mesmo processo de formação de palavras utilizado pelo autor moçambicano para a criação de

- a) vitupérios.
- b) bebericava.
- c) tamanho.
- d) mudançarinos.
- e) malfadado.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Que coisa mais jeca!

Do capiau de Lobato ao cafona urbano de hoje, palavra mudou com o país

É bem raro que um personagem literário tenha tanta projeção cultural que seu nome acabe por virar substantivo comum de ampla circulação, verbete em todos os dicionários.

Aconteceu com o Jeca Tatu, criado há pouco mais de cem anos pelo escritor paulista Monteiro Lobato (1882-1948).

O Houaiss define assim o brasileirismo jeca-tatu, substantivo masculino: “habitante do ²interior brasileiro, especialmente da região centro-sul, de hábitos rudimentares, morador da zona rural”. Ou seja, jecatatu é sinônimo de caipira, matuto, equivalência que o dicionário também registra.

Curiosamente, é só no verbete jeca, forma reduzida de jeca-tatu, que o lexicógrafo aponta o escancarado caráter pejorativo da palavra. O termo caipira pode ser depreciativo, mas também aparece em contextos neutros e até de valorização da cultura rural. Jeca não: é ofensivo sempre.

Mesmo quando o ator e cineasta Amácio Mazzaropi (1912-1981) fez dele um herói simpático e de grande sucesso, o riso que sua comédia buscava era baseado na superioridade do espectador sobre aquele capiau ridiculamente simplório, que envergonhava os próprios filhos, ainda que fosse honesto e de bom coração.

A negatividade vem de berço. Quando lançou o personagem do Jeca Tatu em 1914, em artigo para O Estado de S. Paulo ³intitulado “Uma velha praga”, Lobato o apresentava como síntese dos defeitos que, na sua experiência de fazendeiro cheio de sonhos frustrados de modernização, condenavam o matuto brasileiro – e o país com ele – ao atraso eterno.

Preguiçoso, ignorante, ‘abúlico, triste, nessa primeira encarnação o Jeca (corruptela de Zeca) é uma espécie de aberração responsável por todas as suas próprias desgraças aos olhos urbanos do escritor elitista. Só que o autor nunca parou de retocar o personagem.

Em pouco tempo tinha transformado o Jeca numa vítima da ⁵incompetência do Estado, que lhe negava saneamento, remédios e educação.

O personagem começou a ganhar contornos construtivos. Nessa fase o ⁶astuto Lobato chegou a lhe arranjar um emprego de garoto-propaganda do Biotônico Fontoura, elixir vendido como capaz de curar os jecas de sua jequice.

No fim da vida do escritor, uma intervenção mais claramente política mudou tanto o caipira, agora retratado como explorado pelos donos da terra, que ele precisou mudar de nome.

Assim surgiu o personagem Zé Brasil, camponês dotado de consciência de classe. De modo significativo, não fez um milésimo do sucesso do Jeca. Ocorre que a criatura já havia declarado sua ⁷independência do criador. Morto Lobato, novas transformações estavam por vir tanto para o Jeca, o personagem, quanto para jeca, a palavra.

⁸O já citado Mazzaropi se encarregou da primeira, mas é a outra que ⁹interessa mais de perto à coluna. Se a ¹⁰incrível ¹¹inserção cultural alcançada pelo caipira de Lobato só pode ser entendida no contexto de um país que, na primeira metade do século passado, ainda era maciçamente rural, o Brasil de urbanização velocíssima das décadas seguintes reservou novos papéis para o termo jeca.

Hoje é mais comum vê-lo usado como adjetivo para qualificar o “que revela mau gosto, falta de refinamento; cafona, ridículo” (Houaiss).

Abusar de palavras em inglês é jeca. Humilhar porteiros e garçons é jeca demais. Usar faixa presidencial em solenidades que não a exigem, haja jequice! Não há dúvida de que vivemos o momento mais jeca de nossa história.

Rodrigues, S. “Que coisa mais jeca! Do capiau de Lobato ao cafona urbano de hoje, palavra mudou com o país”. *Folha de São Paulo*. 24.10.2019. Disponível em: <https://bit.ly/2NxyLzK/>. Adaptado.

15. (FUVEST-ETE 2022) “É bem raro que um personagem literário tenha tanta projeção cultural que seu nome acabe por virar substantivo comum de ampla circulação, verbete em todos os dicionários” (ref. 1). A transformação de substantivo próprio em comum é um processo conhecido como:

- Derivação regressiva.
- Conversão.
- Composição por aglutinação.
- Mudança fonológica.
- Recomposição.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

BOITEMPO

Entardece na roça
de modo diferente.
A sombra vem nos cascos,
no mugido da vaca
separada da cria.
O gado é que anoitece
e na luz que a vidraça
da casa fazendeira
derrama no curral
surge multiplicada
sua estátua de sal,
escultura da noite.
Os chifres delimitam
o sono privativo
de cada rês e tecem
de curva em curva a ilha
do sono universal.
No gado é que dormimos
e nele que acordamos.
Amanhece na roça
de modo diferente.
A luz chega no leite,
morno esguicho das tetas
e o dia é um pasto azul
que o gado reconquista.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obra Completa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1979.)

16. (UFSCAR 2001) O título de um texto constitui a chave para a descodificação da mensagem, e a sua interpretação deve ser integrada numa leitura global do texto.

- Comente o título do texto, a partir das informações apresentadas.
- Explique por qual processo de formação de palavras Drummond criou “boitempo”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Muitos anos mais tarde, Ana Terra costumava sentar-se na frente de sua casa para pensar no passado. E no pensamento como que ouvia o vento de outros tempos e sentia o tempo passar, escutava vozes, via caras e lembrava-se de coisas... O ano de 81 trouxera um acontecimento triste para o velho Maneco: Horácio deixara a fazenda, a contragosto do pai, e fora para o Rio Pardo, onde se casara com a filha dum tanoeiro e se estabelecera com uma pequena venda. Em compensação nesse mes-

mo ano Antônio casou-se com Eulália Moura, filha dum colono açoriano dos arredores do Rio Pardo, e trouxe a mulher para a estância, indo ambos viver num puxado que tinham feito no rancho.

Em 85 uma nuvem de gafanhotos desceu sobre a lavoura deitando a perder toda a colheita. Em 86, quando Pedrinho se aproximava dos oito anos, uma peste atacou o gado e um raio matou um dos escravos.

Foi em 86 mesmo ou no ano seguinte que nasceu Rosa, a primeira filha de Antônio e Eulália? Bom. A verdade era que a criança tinha nascido pouco mais de um ano após o casamento. Dona Henriqueta cortara-lhe o cordão umbilical com a mesma tesoura de podar com que separara Pedrinho da mãe. E era assim que o tempo se arrastava, o sol nascia e se sumia, a lua passava por todas as fases, as estações iam e vinham, deixando sua marca nas árvores, na terra, nas coisas e nas pessoas.

E havia períodos em que Ana perdia a conta dos dias. Mas entre as cenas que nunca mais lhe saíram da memória estavam as da tarde em que dona Henriqueta fora para a cama com uma dor aguda no lado direito, ficara se retorcendo durante horas, vomitando tudo o que engolia, gemendo e suando de frio.

Érico Veríssimo. *O tempo e o Vento*, "O Continente", 1956.

17. (FGV 2017 - ADAPTADA) Leia o trecho do 1º parágrafo: "Horácio deixara a fazenda, a contragosto do pai, e fora para o Rio Pardo, onde se casara com a filha dum tanoeiro e se estabelecera com uma pequena **venda**. Em compensação nesse mesmo ano Antônio casou-se com Eulália Moura, filha dum colono açoriano dos arredores do Rio Pardo, e trouxe a mulher para a estância, indo ambos viver num **puxado** que tinham feito no rancho".

Explique os processos de derivação das palavras destacadas no trecho.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o poema para responder à(s) questão(ões).

Mãe

Mãe – que adormece este viver dorido.
E me vele esta noite de tal frio,
E com as mãos piedosas até o fio
Do meu pobre existir, meio partido...

Que me leve consigo, adormecido,
Ao passar pelo sítio mais sombrio...
Me banhe e lave a alma lá no rio
Da clara luz do seu olhar querido...

Eu dava o meu orgulho de homem – dava
Minha estéril ciência, sem receio,
E em débil criancinha me tornava,
Descuidada, feliz, dócil também,
Se eu pudesse dormir sobre o teu seio,
Se tu fosses, querida, a minha mãe!

(Antero de Quental. *Antologia*, 1991)

18. (FGV 2016 - ADAPTADA) Analisando os termos empregados no texto, explique o processo de derivação do termo destacado em "Do meu pobre **existir**, meio partido..." (primeira estrofe) e o sentido que o sufixo confere ao termo destacado em "E em débil **criancinha** me tornava," (terceira estrofe).

19. (UNICAMP 2020) Texto I

Em Bacurau, vilarejo fictício no meio do nada que recebe o nome de um pássaro "brabo" de hábitos noturnos, o sertão é também o centro do país. *Bacurau* cheira a morte. A primeira sequência do longa é a passagem de um caminhão-pipa que atropela caixões pelo caminho. No povoado isolado, mas hiper conectado à internet, os moradores, com uma grande variedade de gêneros, raças e sexualidades, vivem sem água e escondem-se quando o prefeito em campanha pela reeleição chega para distribuir mantimentos vencidos, e despejar livros velhos em frente à escola local. Ai já começa a resistência: em meio à penúria, os moradores organizam-se e ajudam-se entre si. Quando o vilarejo literalmente desaparece dos mapas digitais e a comunidade perde a conexão com a internet, a presença de forasteiros coincide com o misterioso aparecimento de cadáveres crivados à bala e Bacurau vive uma carnificina.

(Adaptado de Joana Oliveira, Em 'Bacurau', é lutar ou morrer no sertão que espelha o Brasil. *El País*. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/20/cultura/1566328403_365611.html. Acessado em 20/10/2019.)

Texto II

BACURALIZAR

verbo transitivo direto

1. autogovernar-se em comunidade, fazer a própria gestão dos recursos e serviços que deveriam ser oferecidos pelo estado, sem a ajuda de empresas ou de parcerias público-privadas.
2. entricheirar-se em suas comunidades como forma de defesa à máquina de matar do estado.

(Adaptado do *Instagram* de Lia de Itamaracá.

Disponível em <https://www.instagram.com/tag/LiaDeltamara>. Acessado em 20/10/2019.)

- a) Explique por que “bacuralizar” é um neologismo e qual é o processo de formação dessa palavra.
 - b) Considere as informações sobre o enredo do filme *Bacurau* presentes no **texto I** e sobre o papel do Estado na vida da comunidade no **texto II**. A partir dessas informações, crie um exemplo do uso de “bacuralizar” para cada acepção da palavra registrada no **texto II**.
20. (UNICAMP 2015) Os textos abaixo foram retirados da coluna “Caras e bocas”, do Caderno Aliás, do jornal *O Estado de São Paulo*:

“A intenção é **salvar** o Brasil.” Ana Paula Logulho, professora e entusiasta da segunda “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, que pede uma intervenção militar no país e pretendeu reeditar, no sábado, a passeata de 19 de março de 1964, na capital paulista, contra o governo do Presidente João Goulart.

“Será um evento **esculhambativo** em homenagem ao outro de São Paulo.” José Caldas, organizador da “Marcha com Deus e o Diabo na Terra do Sol”, convocada pelo *Facebook* para o mesmo dia, no Rio de Janeiro.

O Estado de São Paulo, 23/03/2014, Caderno Aliás, E4. Negritos presentes no original.

- a) Descreva o processo de formação de palavras envolvido em “esculhambativo”, apontando o tipo de transformação ocorrida no vocábulo.
- b) Discorra sobre a diferença entre as expressões “evento esculhambado” e “evento esculhambativo”, considerando as relações de sentido existentes entre os dois textos acima.

GABARITO

- | | | | | |
|-------|-------|-------|-------|-------|
| 1. D | 2. B | 3. C | 4. D | 5. C |
| 6. A | 7. D | 8. B | 9. B | 10. E |
| 11. D | 12. D | 13. A | 14. D | 15. B |

16.

- a) O título “Boitempo” informa que a trajetória do tempo - manhã, tarde e noite - não é definida pela trajetória do sol, e sim pela relação do homem com o gado bovino.
- b) “Boitempo” é uma palavra formada por composição por justaposição (boi + tempo).

17.

Em “venda”, ocorre derivação regressiva, uma vez que o substantivo “venda” deriva do verbo “vender”. Já em “puxado”, ocorre derivação sufixal, uma vez que o sufixo -ado, relacionado à formação de um adjetivo, está unido ao radical “pux”; é possível também indicar a derivação imprópria neste caso, uma vez que o adjetivo “puxado” é empregado como substantivo, determinado inclusive por um artigo.

18.

Ocorre derivação imprópria em “Do meu pobre **existir**, meio partido...”, uma vez que o verbo “existir” foi empregado como substantivo, inclusive acompanhado pelo adjetivo “pobre”. O sufixo diminutivo em “criancinha” confere afetividade ao substantivo criança, caracterizada no poema como alguém frágil.

19.

- a) O neologismo consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente, como acontece em bacuralizar por derivação sufixal a partir de bacurau (bacurau+-izar).
- b) Como exemplo do uso de “bacuralizar” para a primeira acepção da palavra registrada no **texto II** pode ser sugerida a frase “Face à necessidade de ampliar o público leitor, a escola bacuralizou-se na tentativa de conseguir material e equipamento para construir uma biblioteca itinerante que passe regularmente pela comunidade”. Para a segunda acepção, “A escalada de violência policial contra a população pobre da comunidade obrigou a população a bacuralizar-se”.

20.

- a) Trata-se de uma derivação sufixal: “esculhambativo” é uma palavra formada pelo acréscimo de um sufixo (-ivo) ao verbo “esculhambar”.
- b) Apesar de derivarem do mesmo verbo (“esculhambar”), os adjetivos mencionados diferem quanto ao seu significado. Evento “esculhambado” é sinônimo de “desorganizado, desmoralizado”; já evento “esculhambativo” é aquele que “desmoraliza, satiriza” o evento anterior.